

FESTAS DO COLÉGIO, DIVERSÃO PARA TODA A CIDADE: O SANTANÓPOLIS E O LAZER EM FEIRA DE SANTANA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

SCHOOL PARTIES, FUN FOR THE WHOLE CITY: SANTANÓPOLIS AND LEISURE IN FEIRA DE SANTANA IN THE FIRST HALF OF THE 20TH CENTURY

FIESTAS DEL COLEGIO, DIVERSION PARA TODA LA CIUDAD: EL SANTANÓPOLIS Y EL LAZER EM FEIRA DE SANTANA EM LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XX

Sandra Nivia Soares de Oliveira ¹

Manuscrito recebido em: 31 de março de 2023.

Aprovado em: 23 de junho de 2023.

Publicado em: 05 de dezembro 2023.

Resumo

Este artigo objetiva apresentar ao leitor reflexões acerca da importância do Colégio Santanópolis para a modernização da Cidade de Feira de Santana, no estado da Bahia na primeira metade do século XX, influenciando a cultura da cidade, ditando modos de pensar, viver e se divertir na urbe. Apresenta, principalmente, os alunos do Colégio Santanópolis como os protagonistas dessa relação entre a escola e a cidade no que se refere às possibilidades de lazer compreendido como busca da diversão que esta ocorre num contexto marcado por múltiplas relações materiais e simbólicas. Serão destacadas atividades artísticas-culturais e esportivas nas quais o grêmio escolar estava envolvido e que extrapolava os muros da escola, transformando-se em uma atividade para a cidade influenciando decisivamente sua cultura e modos de viver.

Palavras-chave: Lazer; Feira de Santana; Colégio Santanópolis; História da Educação.

Abstract

The present article aims to show reflections about The essential meaning of The Santanopolis school to The modernization of Feira de Santana, a City in Bahia state, in the first half of XX century. This institution influenced the city's culture, thoughts, life style, and it's ways of having fun. This way, it introduces the students as the protagonists of the relation between school and City, regarding the possibilities of having fun, that occurs in a context of multiple material-symbolic relations. This article will also highlight cultural and artistic activities, including sports in which the school union was involved. At that point, these activities went beyond the walls of the institution, and became a way of influence to The city's culture and lifestyle.

Keywords: Leisure; Feira de Santana; Santanópolis College; History of Education.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar al lector reflexiones sobre la importancia del Colégio Santanópolis para la modernización de la Ciudad de Feira de Santana en el estado de Bahia, en la

¹ Doutora em Educação da Universidade Federal da Bahia. Professora na Universidade Estadual de Feira de Santana.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8527-6094> Contato: sandraniviasoares@gmail.com

primera mitad del siglo XX, influyendo en la cultura de la ciudad, dictando formas de pensar, vivir y tener diversión en la ciudad. Presenta, principalmente, a los alumnos del Colégio Santanópolis como los protagonistas de esta relación entre la escuela y la ciudad en términos de posibilidades de ocio entendidas como la búsqueda de la diversión que ocurre en un contexto marcado por múltiples relaciones materiales y simbólicas. Se destacarán las actividades artístico-culturales y deportivas en las que participó el gremio escolar y que traspasaron los muros de la escuela, convirtiéndose en una actividad para la ciudad, incidiendo decisivamente en su cultura y formas de vivir.

Palabras clave: Recreación; Feria de Santana; Colegio Santanópolis; Historia de la Educación.

Introdução

Este artigo se origina de pesquisa de doutorado defendida no ano de 2014 na Universidade Federal da Bahia que teve como objeto de pesquisa o Colégio Santanópolis, estabelecimento da rede particular de ensino que esteve presente na paisagem e na cena educacional de Feira de Santana, no estado da Bahia, no período de 1933 a 1985 quando encerrou suas atividades. O mesmo objetiva apresentar aos leitores as festas do Colégio Santanópolis que aqui defendemos como festas para toda a cidade, convertendo-se como espaços de lazer e formação cultural intrinsecamente relacionadas com a vida da cidade.

Trata-se de uma pesquisa documental de cunho histórico e o referencial teórico que guiou a pesquisa de doutorado e, portanto, este trabalho está no campo da História da Educação, mais precisamente no campo dos estudos sobre instituições escolares. A instituição escolar como tema da pesquisa histórica torna-se possível a partir da movimentação teórico-metodológica inaugurada pelos Annales, que proporcionou desdobramentos para História da Educação, possibilitando a constituição desta como um campo autônomo independente da filosofia, com objeto próprio, ocupando-se do fenômeno educativo e sua transformação (CASTANHO, 2007).

Utilizou-se como fontes relatórios de inspeção do Colégio, acervos fotográficos dos próprios alunos, além de acervo hospedado num blog do colégio, criado por ex-alunos, Jornais do Grêmio Escolar do período de 1954 a 1957 e o Jornal Folha do Norte no período de 1933 a 1959. Na escrita deste artigo utilizamos parte do acervo fotográfico -quase sempre como ilustração -, os relatórios de inspeção e o Jornal Folha do Norte no período anteriormente assinalado.

No que tange ao conceito de fonte histórica, foi adotada a seguinte definição: fonte histórica seria, em princípio, “todo aquele material, instrumento ou ferramenta, símbolo ou discurso intelectual que procede da criatividade humana, através do qual se pode inferir algo acerca de uma determinada situação social no tempo.” (ARÓSTEGUI, 2006, p.491).

- A cidade de Feira de Santana: O lugar do Colégio Santanópolis

Seguindo a tradição da formação dos centros urbanos no Brasil, de acordo com Oliveira (2000), Feira também se originou a partir do comércio, o comércio de gado com fortes ligações com o espaço rural. No início do século XX, a cidade apresentou um crescimento vertiginoso; em 30 anos, a população quase dobrou – tendência nacional nos centros urbanos da época. Em 1900, a população do município de Feira era de, aproximadamente, 63.000 habitantes; em 1920, eram 77.600, sendo ultrapassado apenas pelos municípios da cidade do Salvador e Santo Amaro, (POPPINO, 1968). Em 1930, o município já apresentava uma população que beirava os 100.000 habitantes. Na década de 1940, a cidade figurava entre as mais populosas do estado, ficando atrás apenas de Salvador, Itabuna e Ilhéus. Entretanto, em 1950, Feira já era a cidade mais populosa do interior da Bahia.

Nesse contexto, entre a necessidade de se adequar politicamente aos tempos republicanos e à vida da cidade propriamente dita, duas características de Feira de Santana entram em choque: de um lado, o passado rural e do outro fortíssimo incremento do comércio e o consequente desenvolvimento urbano. (OLIVEIRA, 2000, p. 25).

Nesse debate, a contribuição de Simões (2007) é de grande valia para compreendermos os conflitos instalados e os desejos almejados na invenção dessa nova Feira de Santana:

O percurso realizado pela comunidade local na construção de uma identidade comercial, antes de constituir num processo pacífico, figura como um campo aberto de conflitos que se desdobraram durante este período de sua formação identitária. Neste percurso a imagem que acomodou uma identidade específica à cidade de Feira de Santana efetuou uma diferenciação em relação a outros objetos, elaborando o seu reconhecimento enquanto entidade separável, como unidade singular. Deste modo, seria necessário suplantarmos a tradicional imagem da Feira sertaneja pela nova figura da cidade comercial e moderna, que devido à

demonstração de exemplos inequívocos de seu progresso, iria projetá-la como uma segunda capital do Estado. Neste sentido, coube às autoridades feirenses substituir outras tantas imagens que eram elaboradas por certos grupos reacionários a este - projeto no intuito de transformá-la, de fato, numa - Princesa, não mais do sertão, mas da modernidade, do progresso, da civilidade. Para tanto, fazia-se necessário que a futura rainha acompanhasse os passos de sua - majestade, deixando para traz os vícios e os costumes de seu passado. (SIMÕES, 2007, p.41).

Nesse contexto de modernização, um prédio escolar é simbologia indiscutível para atestar o progresso de um lugar. A mais importante referência arquitetônica e educacional de uma modernidade pedagógica, em Feira de Santana, ocorre com a construção do Grupo Escolar JJ Seabra, no ano de 1916, em estilo eclético, misturando art-nouveau e neoclássico em consonância com outros prédios destinados à educação da época, representando essa vontade de modernidade, de poder (SOUSA, 2001, p.64). Em 1927 este mesmo prédio abrigou a Escola Normal de Feira de Santana.

É nesse contexto efervescente da urbe feirense que, no ano de 1933, começa a tomar corpo aquela que seria a primeira escola de ensino secundário oficializada de Feira de Santana e região, a qual começa a funcionar em 1934, o —Gymnásio Santanópolis, abaixo ilustrado.

Figura 1 -Vista lateral do Gymnásio Santanópolis -1934.



Fonte: acervo Particular de Evandro Sampaio de Oliveira, 1933.

Precisamente no dia 30 de dezembro, sob a edição de número 1276, encontra-se, no Jornal Folha do Norte, referência ao Gymnasio Santanópolis. Na primeira página, junto com outras notícias importantes para a cidade, tais como a chegada de um novo vigário, a nova bancada administrativa da Santa Casa de Misericórdia e informações sobre a bancada política baiana, aparece uma nota considerável que anuncia que Feira vai ter um ginásio.

Em tom efusivo, estava escrito que esta é “uma antiga aspiração da Feira, quiçá a maior dellas que será em breve traduzida para a realidade” (FOLHA DO NORTE nº 1272 de 30/12/1933, p. 1). A nota, ainda, trata o feito não como uma questão local, mas como uma questão regional de grande importância, que facilitaria a inserção de estudantes do interior baiano no ensino secundário.

Minuciosa, a nota ressaltava o fato de o colégio está sendo construído na Avenida Maria Quitéria² especificamente para abrigar uma escola; portanto, o primeiro prédio da rede privada na região a fazê-lo, e “pautado nas mais modernas orientações para as construções escolares da época, além de, em tudo obedecer às prescrições da hygiene escolar” (FOLHA DO NORTE nº 1276 de 30/12/1933, p.1).

A ênfase na especificidade do prédio tinha o objetivo de fazer a diferença na tradição de surgimento de escolas da época, considerando que quase sempre se iniciavam em uma casa que virava escola, como foi o caso do Gymnasio Donato de Souza, situado à Rua Barão de Cotegipe. Para melhor situar o leitor sobre o significado do Colégio, a citação que se segue demonstra a repercussão de sua importância:

O Santanópolis, pioneiro e bandeirante da civilização e educação ginásial nordestina, qual oásis abençoado refletindo pelo seu escopo suas miragens confortadoras e amenas pelo Nordeste afora... suas influências vão despertando as energias adormecidas e latentes da Pátria grande. Saliento e assinalo, com gaudío, a expressão de surpresa que tive sabendo que essa grandiosa obra é o resultado do sonho, da concepção, zelo e interesse de um homem, o Dr. Áureo de Oliveira Filho, moralista, patriota e educador que na rude lida do dever diário, ensina, pela palavra e pelo exemplo, não só aos seus alunos, mas também a nós docentes, o amor ao Brasil e à instrução, a loucura sublime que empolga a sua mocidade útil, para a glória de nossa Pátria. (BASÍLIO CATHALÁ, CASTRO³)⁴

² Hoje Avenida Getúlio Vargas.

³ Estudou no Colégio Ponte Nova, na Chapada Diamantina. Foi professor e diretor do Instituto 02 de Julho da Bahia e do Instituto Sofia Costa Pinto da Bahia.

⁴ Folha do Norte nº 1710 de 18/04/1942, p. 4.

O texto de Cathalá descreve o que representava o Santanópolis em 1942 quando era a única instituição de ensino secundário na Região de Feira de Santana⁵. Em várias referências sobre o Santanópolis, veiculadas na imprensa da época, nota-se um ar de encantamento pela instituição a qual foi considerada como um equipamento social e educacional importante num momento em que a cidade buscava ser reconhecida como um centro urbano moderno, contrariando, assim, os olhares de outrora que a consideravam uma “cidade-sanatório, de ruas descomunais varridas pelo ar puro do sertão, esterilizada pelo sol chamejante dos trópicos” (FOLHA DO NORTE nº1712 de 02/05/1942, p.4). O que, para Nelson Oliveira – professor do Ginásio da Bahia –, não se configurava empecilho, profetizando que Feira de Santana seria uma cidade de estabelecimento de instrução.

Nesses textos, como em outros encontrados sobre a instituição, é muito forte a relação entre a construção da escola e o progresso da cidade. Assim, o Santanópolis era visto como o bandeirante da —civilização, enquanto que Feira de Santana era vista como a cidade moderna cuja implementação de um estabelecimento de grande porte ratificava o seu *status*. Segundo o signatário da nota, —Áureo Filho compreendeu perfeitamente essa verdade e criou, com denodo, um estabelecimento a altura do progresso da terra de Felinto Bastos. (FOLHA DO NORTE nº1712 de 02/05/1942, p.4). E completa: —àquelas ruas naturalmente higienizadas pelo ar puro e o sol chamejante combinavam perfeitamente a ordem, o asseio, a distribuição de suas salas de aula em pavilhões, a situação em rua principal, mas sossegada da urbe.

O Santanópolis foi o primeiro estabelecimento de ensino legalmente intitulado de ginásio, em Feira. O referido estabelecimento funcionava em regime de internato e externato e destinava-se à educação de meninos e meninas, de acordo com um reclame publicado no dia 09 de abril de 1932, na edição de número 1.186 do Jornal Folha do Norte. Segundo a propaganda, os cursos oferecidos seriam o curso primário e admissão ao primeiro ano ginásial. Com a disposição de informar a comunidade esse grande feito, que foi a construção do Santanópolis, o Jornal Folha do Norte avisa, inclusive, o calendário do colégio, que ainda estava finalizando sua edificação:

⁵ Além dos Colégios públicos e particulares da capital do Estado, a instituição de ensino secundário mais próximo de Feira de Santana era o Ginásio Santamarense (1928) em Santo Amaro, no Recôncavo baiano.

Os exames de admissão ao curso secundário do Gymnasio Santanópolis, efectuar-se a 15 de fevereiro do ano próximo vindouro, devendo o curso gymnasial ter início em o mês de março, consoante será oportunamente anunciado pelo fundador. São nossos votos pelo completo êxito desse empreendimento que revela decidida vontade de concorrer para o engrandecimento intellectual de Feira. (FOLHA DO NORTE nº1276 de 30/12/1933. p.1)

Esse conjunto de informações auxilia na composição do cenário e nos permite imaginar – com alguma substância – toda expectativa gerada em torno de sua chegada. O Gymnasio Santanópolis, naquele contexto, seria mais um equipamento social a compor o enredo da cidade, que se modernizava, construindo sociabilidades, confrontando e moldando costumes.

Neste período e desde o século XIX, os ideários higienistas e sanitaristas, bem como os modelos de organização das cidades, visando melhor utilização e organização do espaço, marcam o modelo da nova urbe. Símbolos de modernidade como as largas avenidas os serviços de abastecimento de água, a iluminação pública, planejados espaços públicos de convivência dão um novo aspecto à cidade e, conseqüentemente criam condições para novas possibilidades de interação e lazer entre os habitantes. Acrescenta-se, a tudo isso, a escola como espaço de sociabilidade e a educação como um serviço importante na formação do homem moderno e civilizado que irá construir e habitar a cidade. Todos estes elementos materiais que ilustram o esforço de modernização da cidade não se encerram em sua materialidade. Suas presenças não apenas compõem um cenário de alterações na paisagem da cidade, mas também constroem sociabilidades transformando modos de ver e viver a cidade visto que,

A modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. A modernidade deve ser entendida num nível institucional; mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e portanto, com o eu. Uma das características distintivas da modernidade, de fato, é a crescente interconexão entre os dois "extremos" da extensão e da intencionalidade: influências globalizantes de um lado e disposições pessoais de outro. (GIDDENS, 2002, p.9)

O Gymnásio Santanópolis, enquanto equipamento urbano modernizante ajuda a compor o quadro das novas relações sociais criadas em Feira de Santana ao tempo em que, também, está inserido nesse processo de modernidade tecnológica desde a fabricação do

prédio até a organização dos espaços pedagógicos da escola. Isto porque, ao pensar o Santanópolis, não pensamos apenas a escola que está sendo construída, mas também a cidade, uma vez que esta construção

apresenta e disponibiliza uma infinidade de equipamentos e instituições organizadas e estruturadas com meios para diferentes fins que funcionam e exigem normas, parâmetros e condutas diferenciadas para os variados espectadores e público. Isso implica em formas variadas de inter-relação e interação entre os sujeitos, promoção de sociabilidades e socializações, entre o que está disponibilizado para consumo e para desfrute, entre o que exige participação e produção mais ou menos ativa e dinâmica, em uma infinidade de estímulos e motivações. (FERNANDES, 2009, p.59)

A Avenida onde o Santanópolis se edificou foi aberta seguindo o ritmo de modernização da cidade, de acordo com que seria regulamentado quatro anos mais tarde pelo Código de Posturas (1937) que dava as coordenadas para a abertura de ruas avenidas e praças:

[...] Art. 6º - As novas ruas, avenidas e praças que se abrirem em qualquer perímetro da zona urbana obedecerão às seguintes disposições:
a) – as ruas e avenidas serão rectas, sempre que possível, e não terão menos de 11 metros e 20 de largura respectivamente.

Nesse contexto, o discurso higienista ambicionava influenciar todos os aspectos da vida em sociedade, tanto no espaço público quanto no espaço privado. Ao pensar o espaço urbano, a cidade era vista como organismo vivo (POSSAMAI, 2007).

Se a cidade era um organismo vivo, o Santanópolis ambicionava ser órgão essencial para seu desenvolvimento. O local da construção foi cuidadosamente escolhido não apenas por estar em uma avenida planejada, que seria um dos marcos de desenvolvimento da cidade, mas por estar ao lado ou próximo a edifícios importantes, marcos arquitetônicos. Ao lado direito do edifício, como mostra a fotografia abaixo, temos o prédio da prefeitura municipal, um dos mais importantes edifícios antigos de Feira de Santana cuja construção foi concluída no ano de 1926; em estilo neoclássico, é uma referência importante na construção da Feira de Santana do início do século XX.

Figura 01 - Vista do terceiro pavilhão do Santanópolis. À direita, edifício da Prefeitura Municipal.



Fonte: Acervo particular de Evandro Sampaio de Oliveira.

Observando atentamente a fotografia, é possível perceber, em alguns detalhes, como o Gymnasio se colocava naquela paisagem. Em estilo eclético, com elementos do neoclássico, o prédio concorria com seu vizinho – o da Prefeitura Municipal – sendo os dois principais edifícios da avenida, com o diferencial de que o Santanópolis ocupava uma área muito maior do que o mais importante edifício político da cidade, o Paço Municipal.

Não seria um devaneio afirmar que aquele prédio estava ali para ser apreciado; era desejo de seus mentores que ele fosse visto com seus três pavilhões separados entre si, dentro dos ditames higienistas que marcaram a arquitetura do período, não sendo diferente para os edifícios escolares no mesmo estilo suntuoso que marcou a construção dos grupos escolares desde o século XIX, reificando o lugar como um dos elementos que compõem e produzem a cidade moderna (FARIA FILHO, 2000, p.38).

O letreiro estrategicamente colocado entre os dois primeiros pavilhões, em frente ao portão de acesso de alunos, professores e público em geral, dava ao prédio um quê da Broadway, no sentido do espetáculo de quem quer impressionar, impactar e até disputar a paisagem, tendo em vista que estas são “formas de significação dos espaços, são lugares investidos de vivências, de memórias, de desejos e sonhos” (SOARES, 2010, p. 53).

A estrutura do colégio é exaltada por um inspetor educacional ao registrar que a instituição “possue um Ginasium todo taqueado para educação física e jogos, único em todo o estado da Bahia” (SANTANÓPOLIS, RELATÓRIO DE INSPEÇÃO, 1945). A julgar pela descrição no relatório, não seria absurdo afirmar que o esporte tinha um lugar importante na estrutura curricular da escola. Além disso, como veremos mais adiante era ela mesma um lugar de lazer na cidade e para a cidade através das festas do Grêmio Líteo-Esportivo. Por esta razão, descreveremos os espaços dedicados à exercícios físicos recreação e esporte do colégio por entendermos que no currículo e nos espaços da escola foram geradas políticas de esporte e de lazer que não ficaram apenas ali dentro. Melhor, que não pretendiam ser apenas da escola, mas da cidade.

As áreas de exercícios físicos, recreação e esporte

A fotografia abaixo proporciona uma visão da área de exercícios físicos, recreação e esporte com alunos em plena atividade de Educação Física. O Artigo 19 da Lei Orgânica do Ensino Secundário determina que - a educação física constituirá, nos estabelecimentos de ensino secundário, uma prática educativa obrigatória para todos os alunos, até a idade de vinte e um anos (BRASIL, 1942), revelando como a - agenda médica influenciou a política e o espaço escolar.

Figura 2 – Alunos e alunas do Santanópolis em aula de Educação física.

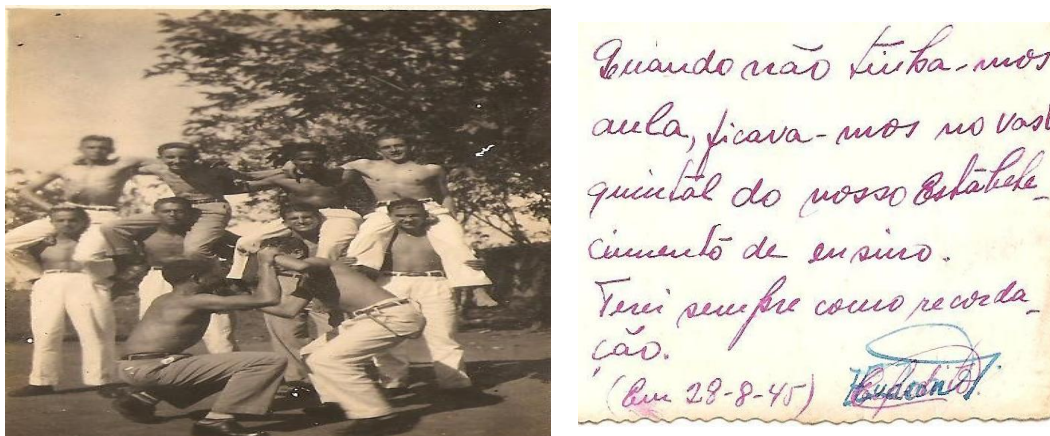


Fonte: Acervo particular de Evandro Sampaio de Oliveira.

Com uma área total de 5.649m² e uma área construída de 1.159m² pode-se afirmar que o Colégio Santanópolis possuía área livre de 3.950m², espaço privilegiado para as aulas de educação física, brincadeiras das crianças e jovens estudantes, e outras atividade afins em uma área —plana, horizontal, revestida de grama e circundada de arborização (SANTANÓPOLIS, RELATÓRIO DE INSPEÇÃO, 1945).

As árvores frondosas faziam sombra para abrigar os alunos na hora do recreio/intervalo ou nos momentos de aulas vagas como registrou o ex-aluno Hudson do Amaury, em 1945, no verso de uma fotografia que capturou a roda de capoeira que resistia em meio ao predomínio do basquete como prática esportiva. Diferente da prática do bola ao cesto, a capoeira não era anunciada nos jornais como as partidas de basquete, mas a fotografia a registrou como prática livre dos alunos anunciando uma certa resistência e, como prática livre dos estudantes, um momento e lazer dentro da escola.

Figura 03- Roda de Capoeira no Colégio Santanópolis.



Fonte: Acervo particular de Hudson do Amaury.

A área ao ar livre é o lugar onde é possível ocorrer uma pausa na disciplina rígida de outros espaços, ainda que a vigilância não cesse por completo. É neste território que sociabilidades espontâneas são construídas pelos alunos. Desenterrando memórias, trocando experiências de brincar e divertir.

O colégio ainda contava com 540 m² de área coberta para recreio, a qual garantia o abrigo nos dias chuvosos ou de sol muito quente. Eram nessas áreas que ocorriam as aulas de educação física e outras práticas educativas. A área coberta comportava a quadra de esporte do Colégio, classificada como excelente pelo *Folha do Norte* ao noticiar, em 1945, uma partida de basket-ball entre a equipe do Santanópolis, da Escola Normal Rural; o Juvenil Sport Club e o Sport Club Brasil, ambos da cidade de Cachoeira.

Não podemos perder de vista a importância desses intercâmbios tanto como processo formativo para os jovens estuantes do Colégio quanto para a consolidação do nome da instituição como estabelecimento de referência para o ensino secundário em Feira e região. Nesse sentido, ganhava a juventude, ganhava a instituição, ganhava a cidade com a potencialização do esporte/lazer proporcionados pelo Santanópolis.

Sobre a importância dos intercâmbios, assim refere NUNES (2019, s/p) ao escrever sobre as relações entre as práticas de esporte e lazer em Feira de Santana durante o primeiro quartel do século XX: “comprendemos que estes intercâmbios foram fundamentais para o desenvolvimento destas práticas de lazer na cidade de Feira de Santana , assim como em toda região, que sofria influência e também influenciava.”. E, nessa troca também estava posta a divulgação da própria estrutura da escola, visto que um de suas pretensões era ser referência. A quadra de esporte nesse contexto era um “cartão postal”.

Figura 04 - Quadra de esporte do Colégio Santanópolis.



Fonte: Relatório de Inspeção, 1944-1945. Arquivo do Colégio Santanópolis - CEDE/UEFS.

Segundo relatório de inspeção de 1945, o *Ginásium* era “todo taqueado para educação física e jogos, único em todo o Estado da Bahia.” (SANTANÓPOLIS, 1945, p.1). O *Ginásium*, depois denominado quadra de esporte, era um espaço aberto também à comunidade, e muitos cestobolistas da Escola Normal e também de outros clubes da cidade se apresentaram naquele espaço. Mas nem sempre foi assim; antes do tão propalado *Ginásium*, as práticas esportivas e aulas de educação física ocorriam ao ar livre, como registra a fotografia abaixo:

Figura 05 - Quadra de esportes de chão batido do Colégio Santanópolis.



Fonte: Relatório de Inspeção, 1944-1945. Arquivo do Colégio Santanópolis - CEDE-UEFS.

Antes da quadra coberta, era no campo/quadra de chão batido e sob sol ou chuva que os alunos e alunas se exercitavam e se divertiam. Mas é possível observar pela lente do fotógrafo que já se estava pensando um espaço adequado para a prática de esportes, inclusive do basquete cuja cesta aparece na foto, revelando a importância atribuída à prática esportiva na escola, a qual se materializará ao longo dos anos nas competições participadas por alunos e professores. A ordenação dos espaços no Santanópolis estabelece uma relação com a rua, com a cidade em consonância com os discursos sobre a escola e a cidade de um modo geral.

Festas do grêmio escolar, lazer para toda a cidade

Nesse contexto, o grêmio escolar foi um dispositivo importante na vida da escola e na relação que ela manteve com a cidade por meios de suas tertúlias e das atividades esportivas que desenvolviam especialmente os Jogos de Basquete. Antes de abordar o papel do Grêmio do Santanópolis e suas festas, considere interessante compreender o surgimento dessa instituição em nosso país.

O surgimento das agremiações escolares remonta à Idade Média, porém, no Brasil, a primeira organização estudantil reconhecida foi a União Nacional dos Estudantes, constituída mediante decreto governamental do presidente Getúlio Vargas, agosto 1937. No que diz respeito à organização de estudantes no ensino secundário, o primeiro registro

oficial de uma organização se deu no ano de 1948, trata-se da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES). O registro dessa entidade não significa o começo da organização dos estudantes, pelo contrário, é por conta da organização dos estudantes que é possível o registro de uma entidade que está legitimada pela história construída ao longo do tempo por seus militantes, e o grêmio do Ginásio do Santanópolis atesta essa trajetória.

Estamos no ano de 1935 quando o Folha do Norte anuncia que “uma instituição útil, reveladora de sentimentos, a qual merece o apoio sincero e incondicional dos espíritos cultos e progressistas” (FOLHA DO NORTE nº 1340 de 23/03/1935, p.1), é fundada pelos ginásianos. O Grêmio Lútero-Esportivo tinha como objetivo “promover meios eficientes para o robustecimento intelectual e físico de seus associados.” (FOLHA DO NORTE nº 1340 de 23/03/1935, p.1). Como meio para a realização do objetivo de concretizar a máxima *mens sana in corpore sano*, a agremiação se dispõe a criar uma biblioteca, realizar conferências, sessões comemorativas de grandes feitos e eventos considerados importantes, além da editoração de um jornal do grêmio.

- Embaixadas e torneios: as festas esportivas do Grêmio

A primeira atividade esportiva dos alunos do Santanópolis foi o basquetebol, praticado desde os tempos em que a quadra era de chão batido. Preocupados com a cultura do corpo são mente são e movidos pelo espírito político e educacional do momento, os alunos do Grêmio se comprometem com

o desenvolvimento físico de seus associados e buscando torná-los homens sadios e fortes, cidadãos válidos para a defesa da pátria, além de exercícios ginásticos metódicos, promoverá a adoção de jogos olímpicos e desportos úteis, organizando, como incentivos valiosos matches entre —fives da associação ou entre—teams desta e de outros estabelecimentos de ensino congêneres ou locais. (FOLHA DO NORTE. nº 1340 de 23 de março de 1935, p.1)

Matches é uma expressão muito utilizada nas competições de basquete, tem origem americana e uma marca forte no Santanópolis desde sua fundação e significa competição que, nesse caso, seria entre os cinco jogadores de basquete da equipe do

Santanópolis ou entre equipes – teams – de outros estabelecimentos de ensino. As expressões em inglês evidenciam a influência do basquete, esporte de origem norte-americana, entre os estudantes. Os jogos de basquete eram comuns entre estudantes do Santanópolis e estudantes da Escola Normal Rural de Feira de Santana, assim como também entre outras equipes escolares ou não, participando em atividades locais como a Semana Ruralista, no ano de 1935. A prática do basquete pelos escolares da cidade ganha espaço na mídia impressa feirense na qual o esporte é anunciado com bastante entusiasmo, como revela o trecho que se segue:

Intensifica-se entre nós a prática do desporto em voga – o basket-ball. Os cestobolistas feirenses exercitaram-se com ardor e, em encontros que vêm interessando à população, revelam apreciáveis progressos, como se evidenciou ainda em tarde de domingo, 22 do passante, na excelente quadra do Gymnasio Santannópolis perante vultuosa assistência em que preeminavam elementos do escól social. (FOLHA DO NORTE de 1935, nº 1367, p.1)

Percebemos no texto que os jogos de basquete iam além de prática desportiva de escolares, contava com o apreço da população feirense, aliás, da elite feirense do seu escól social. Importante evidenciar que o local de realização dessas embaixadas era a quadra de esportes do Santanópolis, classificada, pelo jornal, como excelente. Uma partida intercolegial em que o five do Santanópolis enfrentou o Ginásio Santamarense mereceu atenção do Jornal, que apresentou a seguinte redação: “[...] em função do interesse que o desporto em voga desperta na mocidade feirense induzindo-a à frequências aos rings em que preliam basket- ballers compele-nos a divulgar a boa nova [...]” (FOLHA DO NORTE nº 1371 de 26/10/1935, p.4). E, demonstrando o quanto as partidas de bola ao cesto foi um evento social para os jovens de Feira, o Jornal registra que “conquanto amistoso esse match é esperado com verdadeira ansiedade pelos jovens encestadores de Feira e de Santamaro” (FOLHA DO NORTE nº 1371 de 26/10/1935, p.4).

O basquete foi a atividade esportiva inicial do Santanópolis e a mais noticiada; entretanto, a escola também teve equipes de futebol e voleibol, inclusive, femininas e infanto-juvenis, participando de vários torneios locais e em outras cidades. Além da quadra do Santanópolis, o Feira Tênis Clube era outro local onde aconteciam as partidas de basquete, vôlei e futebol de salão.

A importância dispensada ao esporte praticado na cidade pelo Santanópolis e pela Escola Normal demonstra o diálogo entre cidade e escola na consecução de um projeto social e educacional modernizador, o qual, junto com a transformação do espaço físico e arquitetônico da urbe, se preocupava com o desenvolvimento de hábitos, costumes e sociabilidades que contribuíssem para consolidar a modernização desta. Para melhor compreensão da questão, é preciso relacionar esse espaço de esportes com o espaço social que se manifesta nele (BOURDIEU, 2002, p.208). Nesse sentido, o basquete praticado no espaço privado das escolas e, mais tarde, nos clubes, se contrapunha às inconvenientes corridas de cavalo, que tanto incomodavam sujando a cidade e colocando em risco a integridade física dos transeuntes, propondo outras formas de diversão e lazer.

Hábitos e comportamentos considerados —pouco civilizados precisam alterar-se. É nesse contexto que faz sentido pensar na constituição de um novo corpo, que precisa portar novas sensibilidades. Assim, os movimentos de reordenação da cidade dialogam com o projeto de educação do corpo, dentro e fora da escola. Uma mesma concepção racionalizadora e civilizatória atinge a tudo e a todos. (MORENO, FERNANDES, ROMÃO, 2011, p.1)

Ainda pensando esporte/lazer/educação na relação cidade instituições educativas, Silva (2020) contribui significativa com seu trabalho sobre as relações históricas entre esporte, lazer e educação em Lavras, Minas Gerais ao afirmar que:

Essa conexão entre as instituições escolares e a cidade no desenvolvimento de suas práticas estabelecia um terreno fértil para o desenvolvimento daquela nova cultura escolar, cujo *Sport* fazia parte. Havia, naquele contexto de transição entre o XIX e o XX, uma relação entre o Esporte e a Educação constituída, assim acreditamos, no Instituto Evangélico e transmitida pelo Grupo Escolar, figurando ora como referência simbólica, educacional, ora como componente de um conjunto de práticas inovadoras, tal como o *Sport*. (p.479)

As embaixadas esportivas encerravam quase todas as festas estudantis e cívicas do educandário como, por exemplo, as comemorações da Semana da Pátria. Nos primeiros momentos, as atividades estavam restritas ao sexo masculino, mas a partir da década de 1950 as mulheres também começam a praticar esporte, tendo, na década de 1960, uma equipe de futebol feminino.

- As Tertúlias e Semana de Artes para os artistas do Santanópolis

Muitas das atividades do grêmio foram noticiadas no Folha do Norte demonstrando a importância de uma associação que, embora estudantil, interferiu na rotina da cidade no período em estudo. Ainda com o nome de Grêmio Escolar Lítero-esportivo comandou a festa de inauguração do internato do Gymnásio transformando-a numa atividade cultural do Grêmio, a qual mobilizou a sociedade feirense. A programação da festa, no Folha do Norte, nos permite observar como se dava essa relação do grêmio com a escola e com a sociedade da época, para além dos *teams* de *basket-ball*, das equipes de vôlei e de futebol.

As atividades religiosas também estavam presentes na programação; no dia 16 de maio de 1936 – data da inauguração do internato – foi realizada na Igreja Senhor dos Passos, às 8 horas, missa solene comemorativa com a presença do coral do Colégio regido do professor Gerson Simões. Forem entoados vários cânticos sacros e contou com a presença da Filarmônica 25 de Março. Na sequência ocorreu a cerimônia de bênção do internato, seguida de sessão extraordinária com a Associação de Pais e Professores e finalmente a primeira tertúlia do Grêmio com a seguinte programação: - “Hymno à Bandeira pelo orpheão: entrega das insígnias aos componentes da classe de ordem e Hygiene” (FOLHA DO NORTE nº 1401 de 23/05/1936, p.1).

Confirmando seu caráter de grêmio lítero-esportivo, na programação houve palestras e discursos entremeados por músicas entoadas pelo orpheão da escola, na seguinte ordem: palestra - As tertúlias nas escolas e sua finalidade, proferida pela professora Edelvira de Oliveira e, na sequência, foi entoado o Hymno Brasil Unido; logo após, ouviu-se o discurso do orador oficial do grêmio, por Christóvão Reis – aluno da segunda série –. e mais uma palestra com o aluno Misael Araújo, da terceira série. Infelizmente, o Jornal não informa o título ou tema desta. Após as exposições dos discentes, o orpheão se apresentou entoando a canção-samba - Garimpeiro e em seguida, outra palestra com o estudante da segunda série, José A. Costa Netto, intitulada - comentários sobre educação; - Matemática e Anedotas Matemáticas foi o tema da aluna Jacyra Oliveira da Primeira série. Após essa sequência de palestras, o orpheão entoou o hino - Viva o Brasil, logo após foi apresentada a dissertação do aluno Agostinho Fróes da

Mota, da primeira série, que versou sobre apicultura e, por fim, foi feita a crítica da tertúlia por um professor escolhido naquele momento pelo presidente do grêmio. Encerrando as atividades, ouviu-se o Hino Nacional, —que o orpheão entoou com alma sob vivíssimos aplausos (FOLHA DO NORTE nº 1401 de 23/05/1936, p.1).

Consoante com os objetivos do ensino ali ministrado, as elites condutoras de Feira e região tinham a oportunidade, em eventos como estes, de demonstrar seus conhecimentos e habilidades artísticas para colegas, professores, pais e pessoas da comunidade.

A festa do Grêmio parece ter significado mais que um evento escolar, com a presença de —autoridades, figuras do escól social feminino da Feira, personalidades de destaque no mundo das boas e belas letras, do magistério e do funcionalismo público, representantes do comércio, da indústria, das artes, de todas as classes sociais e laboriosas (FOLHA DO NORTE nº 1401 de 23/05/1936, p.01) em suma, mais uma festa para/da cidade, que ganhou espaço no Jornal Folha do Norte numa matéria robusta em primeira página, com o título de Festa Magnífica do Grêmio Líteo-Esportivo do Santanópolis, sobre a repercussão do evento que fora classificado pelo periódico de —belíssimo e empolgante. Estas festas escolares foram mais que um espaço escolar restrito a professores e alunos; elas devem ser compreendidas como —estratégias para a formação do povo porque embora ocorresse no espaço privado da escola, “—voltavam-se também para a transmissão de valores à comunidade extra-escolar, vinculada, de algum modo, à instituição de ensino” (FRANKFURT, 2008, p.1).

Na década de 1940, não foram encontradas notícias sobre o Grêmio e suas atividades nos jornais e não há quaisquer outros registros sobre suas atividades. Ele reaparece na década de 1950 resgatando o nome de Centro Cultural Áureo Filho refletindo a influência da oficialização do movimento secundarista pelo Governo Vargas. Várias foram as atividades realizadas pelo grêmio, as quais não perderam seu caráter Líteo-esportivo; no entanto, na década de 1950, a atividade de maior destaque do Grêmio trata-se da elaboração de seus jornais: O Santanópolis e O Coruja e, também ali, de forma escrita ditava-se, sugeria-se e influenciava-se modos de viver e divertir-se na cidade da princesa e do vaqueiro.

Durante o período, o número de atividades festivas realizadas pelo colégio do Santanópolis influenciou o cotidiano da cidade de Feira de Santana e moldaram hábitos e comportamentos, contribuindo para a consolidação do projeto de construção de uma Feira civilizada juntamente com outros equipamentos sociais da cidade: a Escola Normal, a Biblioteca Municipal, as Filarmônicas e Jazz Bandas, os Clubes, entre outros. As festas tiveram seu papel educativo de um modo peculiar porque enquanto jogava-se, bailava-se, declamava-se, cantava-se, desfilava-se, degustava-se, o conteúdo pedagógico circulava, proporcionava diversão, lazer e impregnava as relações sociais.

Referências

ARÓSTEGUI, J. O processo metodológico e a documentação histórica. In: ARÓSTEGUI, J. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: Edusc, 2006. cap. 8, p. 465-512

BRASIL. **Decreto-lei nº 4.244** – de 9 de abril de 1942 - lei orgânica do ensino secundário.

CASTANHO, S. Institucionalização das instituições escolares: final do Império e Primeira República no Brasil. In: NASCIMENTO, M. I. M.; et al. (orgs.). **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas/São Paulo: Autores Associados/HISTEDBR; Sorocaba/São Paulo: UNISO; Ponta Grossa: UEPG, 2007. – (Coleção Memória a Educação).

FARIA FILHO, L. M. **Dos pardieiros aos palácios: Cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na primeira República**. Passo Fundo: UFP, 2000.

FERNANDES, R. S. A cidade educativa como espaço de educação não formal, as crianças e os jovens. **Revista Eletrônica de Educação**, v.3, n.1, 2009.

FOLHA DO NORTE. nº 1272 de 30/12/1933, p. 1.

FOLHA DO NORTE. nº 1276 de 30/12/1933, p.1

FOLHA DO NORTE. nº 1340 de 23 de março de 1935, p.1

FOLHA DO NORTE. nº 1367, 1935, , p.1.

FOLHA DO NORTE. nº 1371 de 26/10/1935, p.4.

FOLHA DO NORTE. nº 1401 de 23/05/1936, , p.1.

FOLHA DO NORTE. nº1712 de 02/05/1942, p.4.

FRANKFURT, S. H. Festas escolares: estratégia para a formação da sociedade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5, 2008, Sergipe. **ANAIS...** Sergipe: UNIT/UFS, 2008.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio De Janeiro: Zahar editora, 2002.

MORENO, A.; FERNANDES, G. Á.; ROMÃO, A. L. F. “Uma bela e distinta festa sportiva”: a constituição de um ethos esportivona escola normal modelo da capital (Belo Horizonte, 1914-1922). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17, 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: CONBRACE, 2011.

NUNES, F. S. Uma Feira de diversões. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30, 2019, Recife. **Anais...** Recife: ANPUH, 2019.

OLIVEIRA, C. F. R. M. De empório a Princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1819-1937)- 2000. **Dissertação** (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

POPPINO, R. E. **Feira de Santana**. Salvador: Itapuã, 1968.

POSSAMAI, Z. R. Metáforas Visuais da Cidade. **Urbana**, v.2, n.2, p.1-11, 2007.

PREFEITURA DE FEIRA DE SANTANA. **Código de Posturas**: Decreto-Lei nº1, de 29 de dezembro de 1937. Feira de Santana, 1937.

SANTANÓPOLIS. **Relatório de Inspeção de 1944-1945**. Arquivo do Colégio Santanópolis CEDE/UEFS.

SILVA, B. A. R. As relações históricas entre a educação e o esporte em Lavras, Minas Gerais (1893-1915). **Licere**, v23, n.1, p.470-502, 2020.

SIMÕES, K. J. F. Os homens da Princesa do Sertão: modernidade e identidade masculina em Feira de Santana (1918-1938). 2007. 138 f. **Dissertação** (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

SOARES, W. G. Eurico Alves e construção a paisagem Sertaneja. In.: SILVA, A. J. (Org). **História, poesia, sertão**: Explorando a obra de Eurico Alves. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.

SOUSA, I. C. **Garotas tricolores, deusas fardadas**: as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945. São Paulo: EDUC, 2001.